# Carta semanal 11: Aberta as portas do inferno



Queridos amigos e amigas,

O presidente dos EUA, Donald Trump, retirou os Estados Unidos do acordo multilateral sobre o programa de energia nuclear do Irã. Duas horas depois, Israel bombardeou alvos iranianos dentro da Síria. As forças iranianas na Síria retaliaram as posições militares israelenses nas Colinas de Golã, território sírio ocupado ilegalmente por Israel desde 1967. Será que os Estados Unidos e seus aliados regionais – Israel e Arábia Saudita – intensificarão seu belicismo? Se atacarem o Irã, o Irã certamente atacará as bases dos EUA no Bahrein e, talvez, no Qatar, enquanto os aliados do Irã na Ásia Ocidental atacarão Israel, a Arábia Saudita e as tropas norte-americanas na região. As portas do inferno, já entreabertas na região, se abrirão ainda mais.

Por favor, leia o meu artigo para Alternet sobre a retirada e os augúrios da guerra. Está **aqui**.

Meu artigo termina com a seguinte avaliação:

Todos os olhares estão voltados para Moscou. O líder de Israel, Benjamin Netanyahu, viajou hoje para Moscou em uma voo relâmpago. Ele diz que está em Moscou para falar sobre a Síria, mas na verdade ele será questionado sobre as intenções dos EUA e de Israel contra o Irã. A Rússia depende do Irã para seu projeto na Síria. Moscou não pode permitir uma guerra dos EUA e Israel contra o Irã. Os russos mandariam sistemas de defesa antimísseis como uma mensagem aos Estados Unidos? Aeronaves militares russas pousariam em Teerã como fizeram em Damasco em setembro de 2015? O escudo russo em torno do Irã abafaria os tambores americanos de guerra?

A questão sobre Moscou é central para os eventos na Ásia Ocidental. Quando a Rússia interveio na Síria em setembro de 2015, impediu qualquer possibilidade de mudança de regime naquele país. A Rússia (ou mesmo a China) intervirá para impedir uma guerra contra o Irã?

Há perplexidade em relação a agressão que vem de Washington contra o Irã. Mas isso não é apenas Trump ou Bush, mas uma política geral seguida pelos Estados Unidos. Obama está sendo elogiado pelo "acordo com o Irã", mas foi sob Obama que um governo japonês e hondurenho foi derrubado. Cada governo dos EUA interveio agressivamente para tentar moldar o mundo segundo seus interesses.

Esse uso extraterritorial da violência não é outra coisa senão o imperialismo, um termo que arrepia os leitores bem-educados. Eles assumem que isso é meramente um discurso de um radical anacrônico. De que outra forma como explicar essa série de guerras que começou contra o Panamá em 1989 e chega ao presente? No Newsclick, tenho um breve artigo sobre o imperialismo contemporâneo. Você pode ler **aqui**.

A foto acima é de um dos meus artistas americanos iranianos favoritos – Shiva Ahmadi. A imagem é chamada de *The Wall*.




O ensaio no Newsclick termina com uma consideração sobre a Venezuela. O povo venezuelano vai às urnas em 20 de maio. No Tricontinental, nosso quarto dossiê é sobre a eleição venezuelana. Escrito pelo nosso escritório em Buenos Aires, com contribuições de todo o continente, o dossiê é um excelente documento que expõe as principais questões que a Venezuela enfrenta. Você pode baixá-lo **aqui** (é grátis).

O dossiê é ilustrado por fotografias tiradas pelo fotógrafo brasileiro Rafael Stedile. Eles retratam o povo venezuelano enquanto vivem seu cotidiano, incluindo o cotidiano da política. Nós, do Tricontinental, esperamos que o povo venezuelano possa exercer seu direito de voto. A sabotagem econômica e a intimidação política tem cobrado seu preço. Os poderes externos continuarem sugerindo que as eleições são fraudulentas não colabora. Há poucas evidências disso, nem em eleições passadas ou futuras. Tais rumores servem para abalar o moral do povo. Eles são profundamente antidemocráticos.




Enquanto isso, ao sul da Venezuela, no Brasil, Lula permanece preso. Ele ainda é o favorito na eleição do Brasil em outubro. Nosso escritório do Tricontinental em São Paulo está preparando o quinto dossiê, que será sobre as eleições brasileiras. Estou ansioso por isso.

Estive em São Paulo há dez dias para uma reunião dos escritórios do Tricontinental de Buenos Aires e São Paulo. Enquanto estava lá, aproveitei para visitar dois dos maravilhosos museus da cidade e tive a sorte de conversar com João Pedro Stedile – um dos líderes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) – sobre a história de sua família, o trabalho agrícola do MST e Lula. Você pode ler meu diário de São Paulo, que começa com Lula e termina com suco de uva, na edição atual da Frontline **aqui**.

A pintura acima é de Maria Auxiliadora de Silva, uma artista afro-brasileira que morreu jovem, mas deixou um legado incrível.




Estou escrevendo para vocês da África do Sul, onde continuam os protestos de variados tipos contra a limitada política econômica. O povo quer casa e viver bem. Eles não querem apenas a retórica. A Federação Sindical Sul-Africana liderou um grande ato contra as terríveis políticas do governo contra as greves. Você pode ler sobre as greves em áreas urbanas **aqui** e nas áreas rurais **aqui**. Ambas as histórias são escritas por Dennis Webster, do New Frame, o novo jornal que cobre os movimentos na África do Sul.

No outro extremo do continente africano, no Egito, a situação continua intolerável. Lembro-me bem da confiança produzida pela agitação em massa depois de 25 de janeiro de 2011 no país. Essa energia é agora em grande parte roubada por uma dinâmica histórica que retrocedeu no tempo mais sombrio de Hosni Mubarak. A Anistia Internacional divulgou um importante relatório sobre a situação deplorável nas prisões do Egito, que você pode ler **aqui**. É uma metáfora para o estado das aspirações políticas do país (o governo egípcio respondeu à Anistia **aqui**).


TRUMP
MODI
ERDOĞAN
DUTERTE
Eve Ensler
Danish Husain
Burhan Sönmez
Ninotchka Rosca
Edited by
Vijay Prashad

A guerra planetária se espalha em nosso horizonte. No entanto, a extraordinária coragem das pessoas comuns nunca deve ser subestimada. É o que nos dá esperança. Em 8 de maio, o homem mais poderoso da Turquia, Recip Tayyip Erdogan, disse que se o povo da Turquia dissesse *"tamam"* (chega), ele renunciaria. Mais de um milhão de pessoas foram às redes sociais para dizer *tamam*. Chega desse homem (há um maravilhoso ensaio do escritor turco Burhan Sonmez sobre Erdogan em nosso volume de LeftWord chamado *Strongmen*, com Eve Ensler em Trump, Husain dinamarquês em Modi, Ninotschka Rosca em Duterte e Burhan em Erdogan. Você pode encomendá-lo **aqui**).

Chega desse homem poderoso. E dos outros, incluindo Trump. *Tamam* Trump.

Cordialmente, Vijay.